



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA**

ARCILENE CHAVES DOS SANTOS

**HISTÓRIA DE VIDA DOCENTE NA INTERSECÇÃO COM O
PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA NO 1º CICLO
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Castanhal – Pará

2018

ARCILENE CHAVES DOS SANTOS

**HISTÓRIA DE VIDA DOCENTE NA INTERSECÇÃO COM O
PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA NO 1º CICLO
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de conclusão de Curso apresentada à Faculdade de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Castanhal como exigência parcial para obtenção do título de Licenciado Pleno em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Valdinei dos Santos Anjos

Castanhal – Pará

2018

ARCILENE CHAVES DOS SANTOS

**HISTÓRIA DE VIDA DOCENTE NA INTERSECÇÃO COM O
PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA NO 1º CICLO
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de conclusão de Curso apresentada à Faculdade de Pedagogia da Educação da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Castanhal, como exigência parcial para obtenção do título de Licenciado Pleno em Pedagogia. Orientador Prof. Dr. Francisco Valdinei dos Santos Anjos.

Aprovado em: ____/ ____/ ____

Conceito: _____

Prof. Dr. Francisco Valdinei dos Santos Anjos – Orientador

Prof^a. Dr^a Degiane da Silva Farias – Examinador Externo

Prof. João Batista Santiago Ramos – Examinador UFPA

Castanhal – Pará

2018

AGRADECIMENTO

Agradeço imensamente a Deus pela graça da vida, por toda coragem e perseverança que me deste.

Aos meus pais, Maria da Assunção Chaves dos Santos e Martinho Ramos dos Santos, sem os quais não conseguiria vencer esta importante etapa de minha vida, pois apesar das dificuldades enfrentadas me propiciaram o acesso à educação.

A meus irmãos, obrigada pelo carinho e respeito que a mim dedicam.

A meus filhos, Estefani Manuele e Pedro Thiago, que souberam entender os momentos em que estive ausente, apoiando e incentivando-me a prosseguir nesta caminhada. Em especial meu esposo Raimundo Nonato Oliveira pelo apoio e compreensão, por todas as noites em que ficou acordado ao meu lado enquanto eu estudava.

A todos meus colegas de turma que se tornaram uma segunda família ao longo destes quatro anos, agradeço imensamente pelo convívio, apoio e contribuições nesta caminhada rumo ao conhecimento.

Meus sinceros agradecimentos a todos os professores que contribuíram para minha formação acadêmica e também pessoal, em especial meu orientador Prof. Dr. Francisco Valdinei dos Santos Anjos, seus exemplos seguirão comigo ao longo da carreira docente.

Dedico esta conquista a todos aqueles que de alguma forma contribuíram com meu desenvolvimento, especialmente aos meus pais, filhos, esposo e irmãos.

Minha segurança se alicerça no saber confirmado pela própria experiência de que, se minha inconclusão, de que sou consciente, atesta, de um lado, minha ignorância, me abre, de outro, o caminho para conhecer.

Paulo Freire

SANTOS, Arcilene chaves dos. **HISTÓRIA DE VIDA DOCENTE NA INTERSECÇÃO COM O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA NO 1º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL**. Fls 52. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pará – Campus Castanhal, 2018.

RESUMO

A presente pesquisa é o relato de minhas experiências enquanto professora do 1º ciclo do Ensino Fundamental. Configura-se como um estudo autobiográfico que faz uma retomada do processo de escolarização, entrelaçando situações relevantes à carreira docente. Visa verificar de que forma o processo de alfabetização aparece na história de vida de uma professora do 1º ciclo do Ensino Fundamental no município de Santa Maria do Pará e se estrutura em IV seções: na primeira, apresenta-se uma introdução com a justificativa e o objetivo da pesquisa. A segunda delinea os caminhos da pesquisa, a terceira seção apresenta o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa enquanto política de formação na intersecção com minha história de vida docente no 1º ciclo das séries iniciais. A quarta e última seção traz a narrativa da entrada e vivência no curso de pedagogia. Evidenciou-se que as experiências vividas e compartilhadas foram primordiais para formação profissional e repercutiram diretamente em minha prática docente.

Palavras-chave: formação docente, história de vida, aprendizagem.

SANTOS, Arcilene keys of the. HISTORY OF TEACHING LIFE IN THE INTERSECTION WITH THE PROCESS OF ACQUISITION OF READING AND WRITING IN THE 1ST CYCLE OF FUNDAMENTAL TEACHING. FIs 52. Course Completion Work. Federal University of Pará - Campus Castanhal, 2018.

ABSTRACT

The present research is the report of my experiences as a teacher of the 1st cycle of Elementary School. It is configured as a auto bibliographic study that makes a resumption of the schooling process, intertwining situations relevant to the teaching career. It aims to verify how the literacy process appears in the life history of a teacher of the 1st cycle of Elementary School in the municipality of Santa Maria do Pará and is structured in IV sections: in the first, an introduction is presented with the justification and the objective of the research. The second section outlines the research paths. The third section presents the National Pact for Literacy in the Right Age as a training policy at the intersection with my teacher's life history in the first cycle of the initial grades. The fourth and last section brings the narrative of the entrance and experience in the pedagogy course. It was evidenced that the lived and shared experiences were primordial for professional formation and had a direct repercussion on my teaching practice.

Key words: teacher training, life history, learning.

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO.....	10
2- METODOLOGIA: DELINEANDO OS CAMINHOS DA PESQUISA.....	16
2.1- Abordagens da pesquisa.....	17
2.2- Tipos de estudo.....	18
2.3- Tipos de técnica de produção e análise de dados.....	19
3- O PNAIC enquanto política de formação docente: um breve histórico.....	21
3.1- O PNAIC na história da formação de uma professora do 1º ciclo das séries iniciais.....	24
4- MEMÓRIAS DA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO: OS CAMINHOS DA DOCÊNCIA.....	28
4.1- A formação no Ensino Superior.....	32
4.2- Narrativa do início da carreira docente.....	34
4.3 – O auge da carreira.....	37
4.4- A entrada e vivência na universidade durante o curso de Pedagogia e as perspectivas futuras.....	41
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
6- REFERÊNCIAS.....	49

I – INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita são valores que contribuem significativamente para a formação do homem, fornecendo-lhe informações necessárias à sua inserção na sociedade, à construção do pensamento crítico, colaborando para o seu pleno desenvolvimento e exercício da cidadania.

Aprender a ler e a escrever não é um processo simples, sabemos que muitos fatores podem influenciar diretamente no processo de ensino e aprendizagem, visto que cada educando é um ser único com suas especificidades e aprende de maneira diferente. Dentre tais fatores podemos destacar as metodologias utilizadas pelos docentes que quando não são bem fundamentadas, com subsídios práticos e teóricos sólidos podem se constituir em um dos principais entraves à aquisição da leitura e escrita no primeiro ciclo do ensino fundamental.

Ao vivenciar o ensino e a aprendizagem nas séries iniciais no município de Santa Maria do Pará na condição de docente, percebemos que esse processo tem apresentado lacunas no que se refere à leitura e escrita. É comum a criança chegar ao fim do 3º ano do ensino fundamental sem ter consolidado as competências e habilidades inerentes ao ciclo o que implica diretamente nos ciclos posteriores.

O interesse pelo tema da pesquisa surgiu mediante observações ao longo de dez anos na carreira docente como professora das séries iniciais do ensino fundamental, onde pude constatar que apesar de estarem inseridas no ambiente escolar, de passarem por todo o processo formal de educação algumas crianças conclui o 1º ciclo e até mesmo o 2º ciclo sem estarem plenamente alfabetizadas, ou seja, são alfabetizadas funcionalmente¹.

Segundo pesquisa realizada no ano de 2009 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), no Brasil mais de 60% dos alunos do 5º ano do ensino fundamental não possuem a habilidade de interpretar textos simples nem de fazer cálculos matemáticos básicos.

Este tema constantemente pautou os debates realizados em sala de aula ao longo do curso de pedagogia e também se faz presente nas jornadas pedagógicas realizadas no município no qual trabalho, com testemunhos que expressam aflições e até mesmo discussões acaloradas entre os professores do 1º e do 2º ciclo do ensino

¹ O alfabetizado funcional é aquele indivíduo que apesar de grafar palavras e até mesmo decodificá-las verbalmente, não conseguem estabelecer um nível de leitura coerente, contextual e de sentido vinculados aos textos, ideias, etc.

fundamental que precisam adequar o planejamento para atender as necessidades de tais alunos, muitas vezes ficando impossibilitados de dar prosseguimentos nos conteúdos.

Apesar de existir certa denúncia em relação aos resultados dos processos de alfabetização, bem como de nos últimos anos terem sido efetivadas políticas de formação de professores alfabetizadores, ainda assim não temos percebidos grandes avanços em relação aos resultados dos processos de escolarização. Essas constatações nos mobilizam para querer melhor compreender esse processo bem como as contradições que permeiam não só o exercício da profissão docente como também as condições existenciais dos alunos.

A presente pesquisa trata-se de um estudo autobiográfico, pois segundo Catani (2005) tal produção pode ser profícua para a história educacional, uma vez que são repletas de significados, de projeções pessoais que se configuram em processos pessoais e profissionais. Em outras palavras, será minha história de vida pessoal e profissional que subsidiará as discussões acerca do processo de alfabetização no primeiro ciclo do Ensino Fundamental.

Acredito que esta pesquisa pode ser compreendida como um espaço de reflexões capaz de contribuir para aprimorar as práticas pedagógicas e promover momentos ímpares a respeito do tema, a fim de ampliar a contextualização do processo de ensino da leitura e escrita numa perspectiva de emancipação intelectual dos educandos.

Do ponto de vista pessoal trata-se de uma incursão na minha própria história como processo de (res)significação de mim mesma, já a relevância acadêmica deste estudo está em visibilizar para a universidade, enquanto espaço de formação de professores, que ela deve tomar como referência as experiências de graduandos que já atuam na docência como mecanismo para repensar os processos formativos que desencadeiam na sociedade, assim como de pautar em seus projetos de pesquisa e extensão a temática da história de vida como objeto para problematizar a educação no Brasil na relação direta entre o exercício da profissão, a formação docente em serviço e as implicações disso para a concretização de um projeto de sociedade e, por conseguinte de educação.

A universidade precisa potencializar meios que valorize a profissão de professor como referência para mudar o que hoje se mostra como cenário de desvalorização e que distancia os potenciais profissionais do contexto da sala de aula. Na fala de Nóvoa (2007) os bons professores têm deixado os espaços escolares e os jovens com potencial de exercer a profissão não se sentem atraídos, uma vez que uma das marcas mais visíveis na profissão docente é a desvalorização. Essa desvalorização e desprofissionalização docente têm impactado a procura por essa carreira (DUARTE, 2013; MORICONI, 2008; LEME, 2011).

Assim na medida em que se coloca em pauta a história de vida de professores na relação com o processo formativo, estão abrindo um debate de anúncio e de denúncia em relação ao que a sociedade brasileira precisa enfrentar para garantir educação de qualidade e assim redefinir o que hoje se mostra como resultados alarmantes e vergonhosos em termos de aprendizado, expressos, por exemplo, no nível de leitura e escrita das crianças do primeiro ciclo do Ensino Fundamental.

Em minha história de vida enquanto professora das séries iniciais no município de Santa Maria do Pará, são muitas as projeções e fases que produzem sentido no que dizem respeito ao exercício da docência e desde que iniciei a carreira, no ano de 2007, até o presente momento foram várias experiências que me constituíram enquanto sujeito participante do processo educativo que vivencia o sucesso e as dificuldades tanto dos docentes quanto dos educandos, e por esse motivo pretende-se investigar a seguinte problemática: **De que forma a alfabetização aparece na história de vida de uma professora do 1º ciclo do Ensino Fundamental no município de Santa Maria do Pará?**

Para aprofundar esta macro questão investigativa e orientar a pesquisa propõem-se as seguintes questões norteadoras:

- ✓ Como se deu o processo de formação de professora alfabetizadora na história de vida docente?
- ✓ Que metodologias são utilizadas visando a alfabetização das crianças do 1º ciclo do Ensino Fundamental?
- ✓ Quais os desafios para alfabetizar crianças no 1º ciclo do Ensino Fundamental?

- ✓ Que mecanismos são utilizados para enfrentar os desafios no processo de alfabetização de crianças no 1º ciclo do Ensino Fundamental?

Para alcançar a proposição da referida pesquisa, definimos os seguintes objetivos:

Geral: Verificar de que forma a alfabetização aparece na história de vida de uma professora do 1º ciclo do Ensino Fundamental no município de Santa Maria do Pará.

Específicos:

- ✓ Descrever como se deu o processo de formação de professora alfabetizadora na história de vida docente;
- ✓ Identificar as metodologias utilizadas visando a alfabetização das crianças do 1º ciclo do Ensino Fundamental;
- ✓ Destacar os desafios para alfabetizar crianças no 1º ciclo do Ensino Fundamental;
- ✓ Identificar os mecanismos que são utilizados para enfrentar os desafios no processo de alfabetização de crianças no 1º ciclo do Ensino Fundamental.

Dessa forma, o presente estudo se configura como resultado de minhas vivências e inquietações, que suscitaram ao longo da carreira docente e ganhou ênfase no momento que ingressei no curso de licenciatura em pedagogia, no ano de 2014, por meio do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), vinculado a Universidade Federal do Pará - Campus Castanhal.

Com base nessas primeiras incursões, passamos a apresentar a organização do referido Trabalho de Conclusão de Curso, estruturado em IV seções:

Na primeira seção apresenta-se uma introdução com a justificativa e o objetivo da pesquisa. A segunda seção delinea os caminhos da pesquisa, apresentando a abordagem utilizada, o tipo de estudo bem como a técnica de produção e de análise de dados.

A terceira seção traz o referencial teórico apresentando um breve histórico do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - PNAIC enquanto política de formação na intersecção com minha história de vida docente no 1º ciclo das séries iniciais. A quarta e última seção traz a apresentação e análise dos dados obtidos na pesquisa, a narrativa da entrada e vivência no curso de pedagogia, assim como as perspectivas para o futuro no contexto do exercício da profissão docente a partir da ênfase ao processo de formação de professora, dos destaques as metodologias utilizadas visando a alfabetização das crianças do 1º ciclo do Ensino Fundamental; dos desafios para alfabetizar crianças no 1º ciclo do Ensino Fundamental; e os mecanismos que são utilizados para enfrentar os desafios no processo de alfabetização de crianças no 1º ciclo do Ensino Fundamental.

2 – METODOLOGIA: DELINEANDO OS CAMINHOS DA PESQUISA

A produção do conhecimento científico é um exercício que demanda inúmeros esforços, desafios e implicações de quem precisa ao final de um curso apresentar a comunidade acadêmica um produto advindo dos saberes que são construídos a partir da interlocução entre teoria, as inquietações do pesquisador, as objetividades propostas, além do exercício de interpretação e reflexão que pode advir tanto de dados de pesquisas de campo, quanto de outras formas de reflexão a exemplo dos estudos com história de vida autobiográfico.

Ao tratar-se de uma pesquisa em educação Tozoni-Reis (2009), ressalta que apesar do caráter essencialmente qualitativo desse tipo de investigação não se pode perder o rigor metodológico que a mesma exige. Desse modo, passamos a detalhar o caminho construído para elaboração da pesquisa em que verso sobre a história de vida de uma professora na interface com a alfabetização de crianças do 1º ciclo do Ensino Fundamental.

Mediante o exposto anteriormente, delinea-se neste capítulo a metodologia que norteou o presente estudo, bem como se justifica a abordagem utilizada, o tipo de estudo empreendido, assim como as técnicas de produção e análise de dados.

2.1 – Abordagens da pesquisa

Optou-se neste estudo pela pesquisa do tipo qualitativa que na perspectiva de Godoy (1995), aborda um fenômeno que pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, se for analisado como um todo, ou seja, numa perspectiva integral.

Utilizo a narrativa por acreditar que esse método de investigação consegue desencadear importantes discussões a respeito das questões educacionais bem como propiciar aos professores momentos de reflexões referentes as suas práticas e perspectivas acerca do ensino e da aprendizagem.

Esse tipo de abordagem assume o entendimento de que é preciso dar vozes aos sujeitos que estão em determinado contexto produzindo sentido sobre a sua realidade. De acordo com Bogdan e Biklen (1994) a abordagem qualitativa assume um processo mais importante do que o produto e isso significa que o pesquisador

enquanto caminha no processo de produção do conhecimento científico também vivencia um processo de formação.

Ao fazer uso das narrativas os professores

fazem algo mais do que registrar esse acontecimento; acabam por alterar formas de pensar e de agir, sentir motivação para modificar as suas práticas e manter uma atitude crítica e reflexiva sobre o seu desempenho profissional. Através da construção de narrativas os professores reconstróem as suas próprias experiências de ensino e aprendizagem e os seus percursos de formação (REIS, 2008 p.14).

Utilizar as narrativas autobiográficas como método de pesquisa implica a participação direta do indivíduo que precisa estar comprometido com seu processo de formação, o que serve para orientar seus objetivos na pesquisa.

Os apontamentos destacados nos levam a assumir o entendimento de que se debruçar na história de vida de um professor significa dar voz a um sujeito que tece uma narrativa cotidianamente, e que faz desse cotidiano a base para dizer sua verdade.

2.2 – Tipo de estudo: autobiográfico

A presente pesquisa trata de um estudo autobiográfico com base em narrativa, pois segundo Nóvoa (1995) esse tipo de estudo, produzido por professores, elucida bem a complexidade da prática educativa.

Estudos dessa natureza permitem integrar diferentes perspectivas por considerar os aspectos subjetivos da vida docente uma vez que atribuí valor aos conhecimentos que estes possuem, haja vista que possibilita a leitura da realidade do ponto de vista de um sujeito constituído historicamente de diversos saberes.

Segundo Pimenta mediante:

[...] a natureza do trabalho docente, que é ensinar como contribuição ao processo de humanização dos alunos historicamente situados, espera-se da licenciatura que desenvolva nos alunos conhecimentos e habilidades, atitudes e valores que lhes possibilite permanentemente irem construindo seus saberes-fazeres docentes a partir das necessidades e desafios que o ensino como prática social lhes coloca no cotidiano (2005, p. 18).

Desse modo, no curso de pedagogia, em que um dos objetivos é formar para o exercício da docência, este tipo de pesquisa pode ajudar os professores a conhecer

um pouco mais acerca do ensino que estão recebendo e como poderão transformá-lo a partir de suas experiências, tanto pessoal como profissional.

Enquanto professora das séries iniciais do ensino fundamental a docência me proporcionou diversos saberes adquiridos ao longo desses dez anos de carreira, saberes advindos com a experiência, com conhecimento científico produzido no chão da escola e na universidade que agora tenho a possibilidade de socializar ao tomá-los como base para produção deste estudo. Esses são saberes segundo Tardif (2002) que constituem a condição existencial de um professor. Todos com igual importância na configuração da identidade profissional.

2.3 – Tipo de técnica de produção e análise dos dados: a narrativa

Para construção desta pesquisa optei pela narrativa como técnica de produção de dados uma vez que essa abordagem tem, ao longo dos anos, suscitado grandes contribuições no campo educacional.

Para Reis a “construção de narrativas e a sua leitura, análise e discussão, em contextos de formação inicial e contínua, encerram potencialidades no desenvolvimento pessoal e profissional dos professores” (2008, p. 20). Essas histórias de vida possibilitam ao leitor fazer uma avaliação dos fatos que são descritos sem, no entanto, perder a proximidade com o enredo que está sendo narrado.

Desse modo, visando uma maior aproximação com as realidades educativas presentes em nosso país e conseqüentemente no município onde moro, me utilizo das minhas experiências para produzir os dados utilizados no presente estudo.

Para a análise dos dados foi utilizado a categorização temática dos conteúdos na perspectiva de Bardin (2009) e Franco (2012) que destacam essa técnica de análise como sendo capaz de permitir ao pesquisador viver processos de descrição, interpretação e análise a partir de processos de leitura flutuante dos dados, de categorização e leitura aprofundada. No caso da pesquisa aqui apresentada, as temáticas analisadas tomam como categoria a priori as questões apresentadas nos objetivos da pesquisa por dentro das narrativas construídas ao longo do texto que apresentam seu ponto alto na seção de análise, mas que já aparecem desde a introdução deste estudo.

**3 – O PACTO NACIONAL PELA
ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA COMO
POLÍTICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Segundo informações obtidas no site do Ministério da Educação o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa é uma política educacional que tem como eixo principal a formação continuada para docentes, trata-se de “um compromisso formal e solidário” assumido pelos governos Federal, Estadual e Municipal com o objetivo de alfabetizar todas as crianças até aos oito anos de idade quando, ao menos em tese, deverão está finalizando o 1º ciclo do Ensino Fundamental. (BRASIL, 2012).

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) foi instituído pela portaria nº 867, de 04 de julho de 2012 com o intuito de atender à Meta 5 do Plano Nacional da Educação (PNE) que estabelece a obrigatoriedade de “alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 3º ano do ensino fundamental”.

Como suporte legal as ações inerentes ao PNAIC são amparadas pelas seguintes leis: Lei nº 12.801, de 24 de abril de 2013, que dispõe sobre o apoio técnico e financeiro da União aos entes federados no âmbito do PNAIC; pela Lei nº 11.273, de 06 de fevereiro de 2006 que autoriza a concessão de bolsas de estudo e de pesquisa a participantes de programas de formação inicial e continuada de professores para a educação básica bem como pela Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

De acordo com o artigo 6º da Portaria 867, do MEC, o PNAIC é estruturado em quatro eixos:

I - Formação continuada de professores alfabetizadores; proporciona capacitação aos docentes por meio de curso presencial que são ministrados pelos orientadores capacitados pelas universidades.

II - Materiais didáticos, literatura e tecnologias educacionais; disponibiliza por meio do Programa Nacional do Livro Didático e do Programa Nacional Biblioteca na Escola, para professores e aluno livros didáticos de 1º, 2º e 3º anos do ensino fundamental, obras pedagógicas complementares, jogos pedagógicos para apoio à alfabetização.

III – Avaliação; permite aos sujeitos envolvidos nas ações do PNAIC fazer o acompanhamento dos resultados dessas ações nas escolas participantes.

Para avaliar o nível de alfabetização além da Prova Brasil, institui-se a Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) a fim de produzir indicadores que contribuam para o processo de alfabetização nas escolas públicas brasileiras.

IV - Gestão, controle e mobilização social; permite por meio do Sistema Integrado de Monitoramento Execução e Controle (Simec) o acompanhamento do passo a passo das ações do Pacto.

Ainda de acordo com a mesma portaria encontramos no artigo 5º os objetivos de suas ações que são:

- I - garantir que todos os estudantes dos sistemas públicos de ensino estejam alfabetizados, em Língua Portuguesa e em Matemática, até o final do 3º ano do ensino fundamental;
- II - reduzir a distorção idade-série na Educação Básica;
- III - melhorar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB);
- IV - contribuir para o aperfeiçoamento da formação dos professores alfabetizadores;
- V - construir propostas para a definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças nos três primeiros anos do ensino fundamental. (PORTARIA Nº 867, Art 5º, 2012).

Percebo que a formação docente é uma das preocupações desse pacto, mencionada no inciso IV e desde sua implantação o PNAIC atendeu conforme os dados disponíveis no Sistema Informatizado de Monitoramento do PNAIC (SisPacto), nos anos de 2013 a 2016, 1.176.491 professores e 38.598 coordenadores da educação básica.

As formações do PNAIC referente ao ano de 2017 ainda não foram encerradas, portanto não está disponível na base de dados os números de educadores atendidos até o presente momento.

Não se podem negar os resultados obtidos com as ações do PNAIC, uma vez que um número considerável de educadores recebeu formação, algumas escolas alcançaram resultados satisfatórios nas avaliações propostas, no entanto os objetivos do PNAIC ainda não foram totalmente alcançados visto que “ainda são observados casos em que o processo de alfabetização, que deveria ser progressivo e cumulativo, é deslocado apenas para o 3º ano do ensino fundamental, o que afeta negativamente o desenvolvimento cognitivo das crianças” (BRASIL, 2017, p. 19).

É notório que a ausência de continuidade no que é ensinado e conseqüentemente no que é aprendido constitui-se como um entrave a alfabetização

no 1º ciclo, o que percebemos é que existe a necessidade de se cumprir efetivamente as metas referentes aos direitos de aprendizagem que são estabelecidas para cada um dos anos desse ciclo.

Ainda há muito a ser feito para que de fato este Pacto cumpra o papel ao qual se destina, para tanto no ano de 2017, o PNAIC passa a considerar também a educação infantil como público de sua política educacional. Desse modo busca uma perspectiva ampliada de alfabetização visando à melhoria do processo de aprendizagem.

3.1 – O PNAIC na história da formação de uma professora do 1º ciclo das séries iniciais

No ano de 2013 tive a oportunidade de fazer parte da equipe de professores orientadores das ações do PNAIC no município de Santa Maria do Pará, momento em que juntamente com mais quatro orientadores pude receber formação a respeito de conceitos que são fundamentais para o desenvolvimento do meu trabalho enquanto professora das séries iniciais, tais como a teoria da hipótese infantil da Psicogênese da escrita e também os conceitos do Sistema de Escrita Alfabética.

O Lançamento das ações do PNAIC no município de Santa Maria do Pará aconteceu em 13 de maio de 2013, no prédio da câmara municipal de vereadores, com a presença de autoridades dos poderes executivo, legislativo bem como a presença dos diretores de escola, coordenadores das escolas municipais e estaduais, além de todos os professores do ciclo de alfabetização e alguns alunos.

As formações aconteciam no município de Capanema que era o polo do qual nosso município fazia parte e acontecia no prédio da Faculdade Pan Americana, mas os professores formadores eram da Universidade Federal do Pará que era a instituição responsável pela formação.

Quando estava próximo ao dia destinado às formações era enviado ao meu local de trabalho um ofício solicitando minha liberação para que pudesse me ausentar e participar das formações. As viagens para participar das formações durante todo o período foram custeadas com recursos próprios, pois apenas na nossa formação

inicial de 40 h (que durou uma semana), foi destinado, para cada integrante da equipe, um valor de R\$ 150,00 reais.

As demais viagens ao polo Capanema eram feitas no carro de um orientador de estudo e nós colaborávamos com a gasolina. Apenas na preparação dos stands do Seminário Final de Socialização do polo, a Secretaria Municipal de Educação nos cedeu da SEMED. Tal situação evidenciou o pouco interesse e empenho que a administração tinha (e ainda tem visto que se trata da mesma gestão) com a formação dos profissionais de sua rede de ensino.

Apesar dessa falta de apoio financeiro, participar desse momento de aprendizagem representou um avanço significativo em minha vida pessoal e profissional. Pude visitar as escolas e acompanhar as atividades que os professores realizavam após participar das formações, como a implantação do cantinho da leitura² em suas salas de aulas.

Foi muito gratificante ter o reconhecimento de colegas professoras que relatavam empolgadas os resultados positivos no desenvolvimento do seu trabalho, resultados estes obtidos com as orientações recebidas nas formações do PNAIC.

No exercício da docência é importante que o professor saiba que para aprender a ler e escrever a criança precisa compreender que temos um Sistema de Escrita Alfabética (SEA) e este por sua vez envolve a compreensão de diferentes propriedades conceituais e convenções de como nossa língua é escrita.

Para Ferreiro (1990), essa compreensão envolve bem mais que apenas analisar as “partes sonoras” constituintes das palavras, é necessário também desenvolver uma série de operações lógicas como a relação entre totalidade e as partes constitutivas e a correspondência termo a termo.

No que diz respeito a apropriação e desenvolvimento da linguagem oral e escrita Ferreiro afirma que:

A aprendizagem da leitura, entendida como o questionamento a respeito da natureza, função e valor desse objeto cultural que é a escrita, inicia-se muito antes do que a escola o imagina, transcorrendo por insuspeitados caminhos. Que além dos métodos, dos manuais, dos recursos didáticos, existe um

² Espaço reservado na sala de aula com o intuito de despertar o interesse na criança em ler contos, gibis, revistas, como também o interesse em livros de pintura, de desenho, dentre outros.

sujeito que busca a aquisição de conhecimento, que se propõem problemas e trata de solucioná-los seguindo sua própria metodologia (1999, p.27).

Para a autora é necessário proporcionar às crianças oportunidades diversas para interagir com o universo da linguagem oral e escrita. É preciso compreender que essa aprendizagem do sistema de escrita é muito mais que um código de transcrição é a construção de um sistema de representação.

Nesse sentido as práticas docentes devem visar bem mais que ensinar a ler palavras como um código, pois “a leitura do mundo precede a leitura da palavra daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente.” (FREIRE, 2005, p.9).

Para ter uma boa prática é vital que o docente seja crítico e reflexivo, tomando como referencial os desafios para uma formação que busque valorizar os saberes dos educandos.

Desse modo, as metodologias utilizadas pelos docentes, parte do processo educativo, são fundamentais como mediadoras da construção desse conhecimento, uma vez que repercuti diretamente na aprendizagem dos alunos e foi por meio das formações do PNAIC que pude adquirir esse entendimento e fazer uso do mesmo em minha prática no dia a dia da sala de aula.

Esse momento narrativo expressa já, em grande medida, a relação indissociável entre formação e qualificação profissional. Por meio da formação é possível que o exercício da docência assuma outros repertórios que contribuem decisivamente naquilo que concretizamos enquanto processo pedagógico. Infelizmente, historicamente as mobilizações em torno da busca e permanência em processos formativos tem se dado quase que exclusivamente pelo próprio professor o que denota, a meu ver, o descaso do poder público em ofertar e garantir as condições de acesso e permanência em processos formativos que são previstos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, no Plano Nacional da Educação de (2010), Nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica de (2013) e na Lei Orgânica do município de Santa Maria Pará Nº 001/ 90.

Esses são aspectos da formação que devem ser anunciados e denunciados como pauta que reflete em questões já mencionadas na introdução deste estudo, em

relação aos resultados dos processos de aprendizado de leitura e escrita no primeiro ciclo do Ensino Fundamental. Não queremos dizer que a formação é o ponto nevrálgico do sucesso/insucesso da aquisição da leitura e da escrita, haja vista que outros condicionantes também operam intensamente nesse processo, como as condições sociais dos educandos, o nível de comprometimentos das famílias em relação a educação de seus filhos, as condições estruturais da escola, a garantia de alimentação escolar, dentre outros.

O foco que é dado à formação docente se dá em função que esta é uma das dimensões assumidas na realização desta pesquisa e, portanto, deve ganhar expressividade tanto nas narrativas quanto nas reflexões advindas dos sentidos a ela atribuídos.

4 – MEMÓRIAS DE FORMAÇÃO E ATUAÇÃO: OS CAMINHOS DA DOCÊNCIA

Nasci no município de Tomé-Açu, no Nordeste Paraense, cerca de 113 km da capital Belém. Sou a primogênita de cinco filhos (04 mulheres e 01 homem), de família humilde, descendente de brancos, negros e índios.

Meu pai estudou muito pouco, precisou começar a trabalhar cedo, desempenhou muitas funções entre as quais agricultor. Minha mãe tem apenas o que na época era o ginásio, atuou como professora leiga num local chamado Vila Socorro, onde moramos até os meus 03 anos, depois assim como meu pai, minha mãe também atuou em muitas funções para ajudar prover o sustento da família. Logo após o nascimento da terceira filha nos mudamos para Santa Maria do Pará, onde moramos até hoje.

Nossa vida era limitada financeiramente, mas meus pais, dentro de suas posses, sempre disponibilizaram aos filhos o acesso à educação e assim, aos 08 anos iniciei minha vida estudantil (já tendo iniciado o processo de alfabetização pela minha mãe) na rede pública de ensino.

Poucas são as lembranças das séries iniciais, recordo o nome das primeiras quatro professoras entre as quais duas, atualmente, são colegas de trabalho. Sei que de alguma forma contribuíram para o meu aprendizado, embora sinta muito em dizer que não me lembro de nenhum ensinamento significativo que possam ter deixado em minha história, exceto pela professora da 4ª série que quando quebrei o braço me levou para Castanhal para receber atendimento médico, foi um gesto que ficou marcado pela solidariedade que teve com minha mãe que não tinha com quem deixar os filhos pequenos e também porque aprendi a escrever com a mão direita, visto que passei um mês com o braço engessado, tendo eu as operações neurais orientadas para a mão esquerda.

Das demais séries do ensino fundamental lembro-me de alguns professores, mas não desenvolvi relação de afetividade com nenhum deles. Era uma criança introvertida, de poucos amigos. Hoje percebo o diferencial que as questões de ordem afetiva produzem nos processos educativos. Codo (2002) fala dessas questões como indissociável da condição humana e, por consequência das relações interpessoais e escolares.

Essa é uma questão que devemos dar destaque, tanto nos processos de formação quanto de atuação profissional, haja vista que os afetos tem sido a razão

daquilo que conquistamos ou deixamos de conquistar no âmbito da prática pedagógica.

Quanto a metodologia utilizada pelos professores basicamente era a mesma: quadro, giz e o livro quando tinha suficiente para todos os alunos. A rotina era escrever o conteúdo passado no quadro (alguns escrevia diretamente do livro do professor), ouvir a explicação, resolver os exercícios e estudá-los ou decorá-los para a prova.

Quanto a essa educação que passa por essa representação de professor Freire retrata como sendo aquela que

conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em vasilhas, em recipientes a serem enchidos pelo educador. Quanto mais vá enchendo os recipientes com seus depósitos, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente encher, tanto melhores educandos serão. (FREIRE 1982, p.23).

E foi por esse modelo de prática pedagógica que fui escolarizada, foi memorizando conteúdos que conclui o ensino fundamental. Portanto, uma educação bancária na acepção do autor supracitado.

Quando iniciei o Ensino Médio, em 1999, já tinha marido e uma filha recém-nascida que me ocupava tempo e atenção, me levando a suspender os estudos por um ano. Essa é uma condição comum a muitas mulheres brasileiras. Estudos como os de Abramo e Branco (2005) retratam justamente essa quebra do ciclo escolar em função de questões como gravidez não planejada, casamento precoce, iniciação ao mundo do trabalho, etc.

No ano seguinte continuei os estudos no turno da noite, pois ficava menos difícil conciliar os cuidados com a família, os afazeres domésticos e os estudos e, assim cursei todo o os quatros anos do ensino médio na modalidade normal o que me propiciou concorrer a vaga de docente no concurso público do município onde trabalho e resido (falaremos sobre isso posteriormente).

Com o novo status, de mãe e esposa, os quatro anos no ensino médio não foram fáceis de serem concluídos, aliado a esse fato as constantes ausências de alguns professores, a falta de interesse em oferecer uma educação de qualidade, uma avaliação baseada muitas vezes apenas na nota me desestimulava em alguns momentos, porém nunca cogitei a possibilidade de desistir.

Essa tem sido as condições de estudo de muitas mulheres já casadas e com filhos, de dupla jornada de trabalho e em alguns casos até de tripla jornada. Se naquele período eu me desdobrava entre a família, os afazeres domésticos e os estudos, após a inserção no mundo do trabalho foi necessário gerenciar o exercício da profissão, a vivência da formação em serviços e os afazeres domésticos. Vale ressaltar que eu não sou uma exceção em relação a esses condicionantes existenciais. De modo geral as mulheres têm se desdobrado em relação a tripla jornada de trabalho.

Quando estava cursando o 2º ano o professor Edilson Aquino (que também era o diretor da escola) foi fundamental em minha vida, pois foi por seu intermédio que comecei a visualizar a possibilidade de inserção no ensino superior, quando ele entrou na sala todo contente para avisar que estavam abertas as inscrições para o Prise - Programa de Ingresso Seriado da Universidade do Estado do Pará, explicou todo o processo e nos incentivou a participar.

No dia seguinte fiz a inscrição e continuei estudando pensando no dia da prova, porém meu interesse em fazer um curso superior só ganhou corpo e virou sonho quando saiu o resultado da 1ª etapa do Prise e o professor Edilson muito feliz (mais que eu mesma) alardeou para a turma inteira o resultado da minha prova dizendo que eu já estava com um pé na Universidade. Até o presente momento, apesar de nunca ter pensado em parar de estudar, não havia estabelecido esse objetivo para minha vida.

Em 2003, terminando os estudos no ensino médio chegava também o momento de escolher o curso que irá fazer caso conseguisse ser aprovada na 3ª e última etapa do Prise e foi nesse momento que outro professor se destacou em minha vida ao me ajudar a fazer essa escolha.

O professor de matemática, pessoa com quem me identificava e gostava de conversar, num momento de indecisão que muitos jovens enfrentam me chamou atenção para a realidade em que me encontrava e me ajudou a visualizar as possibilidades que eu tinha. Foi assim que ao preencher minha inscrição escolhi o curso de matemática da Universidade do Estado do Pará, no campus de São Miguel do Guamá por ser o mais próximo da minha casa.

4.1 – A formação no Ensino Superior

A previsão do professor Edilson se concretizou e no ano de 2004 eu estava, literalmente, com os dois pés na Universidade no curso de matemática, iniciando a concretização do sonho do ensino superior. De acordo com Freire (1992), realizar sonhos exige mudanças e, assim, com mudanças sendo solidificadas começou mais uma jornada em minha vida.

Foram muitas alterações em minha rotina, precisava me deslocar todos os dias de Santa Maria do Pará para São Miguel e vice-versa. Morava as margens da BR 316 e precisava andar cerca de 1 km até a BR 010 para então pegar o transporte até o campus universitário.

Foi uma adaptação difícil, uma turma formada em sua maioria por pessoas jovens, sem maiores preocupações e eu já tinha uma família para me ocupar. Minha filha ficava aos cuidados de minha irmã e para completar terminei o ano grávida novamente e logo teria mais uma criança sob a minha responsabilidade.

Mais uma vez precisei adiar meu sonho, dezoito dias após o nascimento do meu filho tentei voltar à rotina de estudos, pois estava iniciando uma disciplina e eu não podia me atrasar, mas constatei que não era possível com um bebê em casa chorando da hora que eu saía até o momento em que voltava e assim perdi todo o ano letivo e precisei mudar de turma passando a estudar no turno da noite, fato esse que dificultou muito minha situação.

Comecei a me questionar se realmente queria terminar aquele curso, não sabia se gostava da matemática e de todos os cálculos que ela me apresentou e ainda reservava, agora tinha dois filhos que precisava deixar aos cuidados de outra pessoa. As reclamações do marido aumentavam, havia um misto de sensações e incertezas.

A rotina de estudos era cansativa, havia professores conteudistas, tradicionais que avaliavam apenas pela nota assim como tinha aqueles que buscavam nos envolver nas aulas, nos estimulava a produzir conhecimento, fazer parte da Universidade.

Mais uma vez um professor me ajudou (não diretamente) a decidir o que fazer. Certo dia ele falava com a turma sobre as oportunidades que tínhamos e que foi

negada a muitas outras pessoas e nos disse “por mais que você não goste, termina o curso porque bom ou ruim é um curso superior e ninguém vai te tirar isso”. Tais palavras se fixaram em meus pensamentos e deu-me forças para prosseguir a jornada de estudos.

Enfrentando as dificuldades que iam surgindo continuei firme nos estudos e em 2006 surgiu a oportunidade de fazer o concurso público para docente na cidade onde moro. Consegui ser aprovada e classificada para uma das vagas, começando em maio do ano seguinte minha carreira na docência.

Mais um desafio a superar: conciliar os estudos na universidade com os cuidados com os filhos, esposo, afazeres domésticos e agora o trabalho como professora das séries iniciais do ensino fundamental. Assim, foram os últimos anos de estudos e com muito esforço consegui terminar o curso de Licenciatura Plena em Matemática pela Universidade do Estado do Pará em 2011.

A concretização da formação profissional nem sempre ocorre como reflexo das projeções, mas na medida em que ela vem é necessário pensar porque ser professor, que questões nos mobilizam para estar e permanecer no exercício da docência. Da minha parte o que me fez adentrar a profissão foram as condições sociais em que nasci e fui criada, a licenciatura me proporcionou a oportunidade de ter uma profissão, uma formação com ensino superior e o que me faz permanecer é a certeza de que eu não escolhi a docência, mas ela me escolheu e a cada dia que passo atuando como professora a alegria de ajudar uma criança a ler e a escrever não me deixa dúvidas de que esta é a profissão certa para mim.

Se eu fosse realizar um processo analítico em relação a vida de outras professoras, possivelmente essas razões não iriam diferir dessas que pontuei a pouco, isso porque em um país como o nosso com uma história de injustiça social e da negação de direitos foi se estabelecendo lugares nos quais teríamos maior possibilidade de ocupar. Talvez se muitos de nós professores tivessem outras oportunidades de carreira em outros trabalhos, não estariam na docência. Essa é uma questão de fundo que deve ser considerada quando pensamos, por exemplo, nas futuras gerações. Pois, muitos deles não terão as mesmas condições, eu diria até a maioria deles de investir em um campo de formação de que fato desejam, seja pela ausência de política pública que garanta as condições de acesso ao ensino superior,

por meio de vagas ou ainda pelas próprias condições sociais que implicam diretamente nas possibilidades de viver processos formativos dessa natureza.

4.2 – Narrativa do início da carreira docente

As vivências ao decorrer de minha formação inicial, dos dez anos de experiência na docência e a inserção no curso de pedagogia me propiciaram uma perspectiva crítica em relação à formação docente e o ensino compartilhado nas escolas, bem como serviram de alicerce à construção de minha identidade profissional que “resulta de um feixe de memórias de sentidos diversos, de encontros e oportunidades ao longo da jornada... resulta, portanto, do diálogo com o outro que nos constitui. É coletiva, não solitária” (NÓBREGA; PRADO, 2012, p. 4).

Em maio de 2007, ainda cursando a graduação, iniciei minha vida na docência em uma turma de 3ª série do ensino fundamental em uma escola situada num bairro periférico da cidade. Tal experiência foi um marco em minha vida, pois minha vivência na docência até o momento advinha apenas dos estágios desenvolvidos durante a formação e de repente me vi numa sala de aula tendo de ensinar alunos com as mais diversas especificidades.

Na classe existiam casos de repetência, distorção idade-série e alunos oriundos da classe especial, pois naquele momento fervilhava o discurso da inclusão e a direção da escola assim como também a professora da referida classe entendia que inclusão era colocar os alunos em uma classe considerada a “pior da escola” e com uma professora inexperiente. A maioria dos alunos não sabia ler, tinha dificuldade de aprendizagem, alguns extremamente indisciplinados e todos os dias traziam um aluno da classe especial para minha turma.

As aulas só tinham algum rendimento até o horário do intervalo, após esse horário não conseguia mais atenção dos alunos, havia dois deles que exigia muito da minha atenção, quando não pulavam a janela para fugir da escola ficavam se espalhando o restante do horário e por várias vezes precisei separar brigas, tinha dias que me dava vontade de pular a janela, fugir junto com eles e nunca mais voltar àquela escola.

Apesar de a sala ficar bem em frente a diretoria e toda a escola saber das dificuldades que eu enfrentava com a classe nunca me ofereçam qualquer tipo de ajuda ou orientação. Nem as reuniões que fazia com pais surtiam efeito.

Felizmente ou infelizmente foi apenas dois meses nessa escola, após as férias de julho uma professora que estava se formando em educação especial foi enviada para assumir a turma e eu fui informada pela diretora que seria substituída e que deveria procurar o secretário de educação.

O então secretário de educação era o ex-diretor da escola em que estudei o ensino médio (já citado anteriormente), pessoa atenciosa, humana que na medida do possível busca atender as necessidades de seus semelhantes e ao conversar com ele me informou que eu poderia escolher a escola que gostaria de trabalhar e se quisesse voltar para a mesma não teria problema, achei melhor mudar de instituição. Fui então lotada na escola em frente a anterior (sim, existem duas escolas vizinhas no mesmo bairro) onde trabalho até o presente momento. A diretora do meu mais novo ambiente de trabalho era conhecida por ser uma pessoa rigorosa e até mesmo arrogante, no entanto ao me apresentar ela me recebeu muito bem, informou o funcionamento da escola e em que turma eu deveria atuar.

O prédio da escola pertence a igreja Assembleia de Deus e na época a maioria dos alunos eram filhos dos fiéis da igreja, nas turmas tinha um pouco mais que vinte alunos (até menos) e a diretora supervisionava pessoalmente o trabalho desenvolvido, o caderno dos alunos e os planos de aula dos professores (principalmente o meu que era recém-chegada). Ela era de fato muito rigorosa e cheguei a presenciar cenas dela sendo arrogante e desrespeitosa com outros funcionários, mas comigo nunca aconteceu algo nesse sentido.

Com o passar do tempo fui me adaptando à rotina da escola e me ambientando com o campo educacional, ganhando experiência e gostando cada vez mais do trabalho docente. Na época a escola tinha poucos funcionários e não contava com secretária e por esse motivo eu ajudava a diretora em algumas tarefas administrativas, fazia matrícula, preenchia mapa das turmas, em fim me envolvia no trabalho da escola.

Um ano e meio depois ela foi aprovada em um concurso em outro município e a irmã dela que trabalhava no posto de saúde veio para assumir a direção da escola

onde permaneceu, direta e indiretamente, até o ano de 2016. Porque direta e indiretamente? Porque quando precisou se ausentar para se candidatar a um cargo político passou o cargo para a irmã mais nova que já trabalhava na secretaria da escola e continuou a interferir na organização da instituição mesmo sem legalmente ter poder para isso.

Quando ingressei na escola em 2008 até 2016 passaram pela direção da escola 3 irmãs da família G, com a mesma concepção de gestão centralizadora, o que segundo Libâneo (2005), trata-se de um modelo de gestão onde as decisões são tomadas de cima para baixo, obedecendo a uma hierarquia previamente estabelecida, não levando em consideração as opiniões dos demais envolvidos no processo educacional.

Lück (2009, 2012) e Paro (2004) também se referem a esse modelo de gestão. Segundo eles expressa uma perspectiva na qual a relação de poder é hierarquizada, resultante de uma concepção na qual a dimensão técnico-científica se sobrepõe a outras de ordem, democrática, por exemplo.

Nesse estabelecimento de ensino se estabeleceu uma relação de poder entre a igreja e o poder público. Tanto a direção como a maioria dos funcionários são fiéis da referida igreja o que traz certos entraves ao processo de ensino uma vez que, frequentemente, tentam fazer com que os dogmas da igreja prevaleçam sobre as leis e diretrizes educacionais e essa tem sido uma das lutas que tenho travado ao longo de minha vivência na educação.

Ao longo dos anos pude experimentar diversas situações que me colocaram a prova e me fizeram questionar meu papel enquanto professora, enquanto participe do processo educacional: falta de gestão democrática, ausência de planejamento coletivo, currículo tradicional, alunos com muita dificuldade na leitura e escrita, ausência da família, professores descompromissados. Em fim são muitas questões que não são possíveis de serem todas descritas caso a caso.

Por considerar o trabalho da gestão essencial ao desenvolvimento do processo educacional e assim como Freire (2011) considerar a educação um ato de intervenção no mundo, me utilizo deste memorial para compartilhar uma situação em que me vi obrigada a me posicionar firmemente contra a gestora na frente dos demais funcionários (na ocasião tinha tomado uma atitude arbitrária) e ela me acusou de tê-

la humilhado publicamente, mas mantive minha posição, pois estava convicta de que tinha agido corretamente.

Considero que esse fato foi importante para me firmar enquanto profissional que merece ser respeitada e a partir daquele momento percebi que minhas opiniões passaram a ser mais consideradas. Com os outros professores e demais funcionários sempre mantive uma relação de respeito e desenvolvi com alguns laços de amizade que se mantêm até os dias atuais.

No que se refere aos meus alunos confesso que por ser introvertida e na minha criação não haver muitos momentos de demonstrações explícitas de carinho, não sou dada a muitos beijos e abraços, contudo procuro sempre manter uma relação de respeito e afetividade.

4.3 – O auge da carreira

Neste tópico me proponho a compartilhar momentos que considero o auge da minha carreira, momentos estes que se estendem até os dias atuais visto que ainda tenho muitos objetivos a serem alcançados.

Tomo como ponto de referência para o auge o ano de 2013 quando fui convidada a ser orientadora do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) no município onde moro. Foi um ano de muitos conhecimentos adquiridos e compartilhados.

Infelizmente no município onde moro as questões políticas partidárias se sobressaem a qualquer outra questão e em menos de três anos passamos por duas cassações, um governo interino, duas eleições e todas essas questões interferem diretamente na condução do processo educacional.

No ano seguinte fui substituída na orientação do PNAIC, contudo a secretária de educação me chamou para fazer parte da equipe pedagógica da Secretária Municipal de Educação (SEMED), ao mesmo tempo (julho do mesmo ano) fui selecionada para cursar pedagogia na Universidade Federal do Pará por meio do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), por isso

precisei conciliar o trabalho na SEMED com a sala de aula e os estudos na universidade e as questões familiares, portanto, conciliar a quádrupla jornada.

Ao final do ano a cidade estava fervilhando por conta da eleição suplementar, razão pela qual estavam substituindo as pessoas que não estavam a favor do prefeito interino e também candidato a futuro prefeito e foi para suprir a necessidade de uma das escolas que tive a oportunidade de vivenciar a experiência na gestão.

Por quatro meses assumi interinamente a gestão de uma escola em um bairro periférico bastante populoso, porém a comunidade local pouco acredita na educação que era praticada na escola e muitos alunos moradores do bairro estudam em outra escola, o quadro de funcionários quase 100% era composto por contratados e alguns estavam prestes a serem distratados, tinha problemas com estrutura física, em fim uma variedade de questões nada favoráveis para quem está iniciando a vivência na gestão.

Com o intuito de fazer uma gestão democrática consegui rapidamente estabelecer uma boa relação com o corpo docente e a comunidade escolar. Muitos pais manifestaram seu contentamento por eu estar ali, e ganhei o afeto dos alunos que ainda hoje quando me encontram gritam logo “oi diretora” e alguns vem me abraçar.

Foi uma experiência única, mas confesso que nas condições que é praticada a gestão no município, não desejo repetir. A gestão municipal interfere diretamente nos direcionamentos da escola e não dá autonomia para que tomemos junto com a comunidade escolar as decisões que melhor atendem aos objetivos da escola.

Essa experiência explicita uma questão relacionada a formação do profissional pedagogo na relação com os possíveis campos de atuação. Embora outras licenciaturas possam garantir o exercício da gestão escolar (tendo o profissional especialização relacionada a gestão), é o curso de pedagogia que garante além da docência na educação infantil, nas séries iniciais, na gestão e na coordenação pedagógica e em ambiente não-escolar (pedagogia hospitalar, pedagogia empresarial, sócio educação, etc.). Sobre essas questões Libâneo (1998) e Pimenta (1999) apresentam ricas contribuições quando, de um lado proporcionam discussões em torno das possibilidades de atuação profissional do pedagogo e do lugar da pedagogia na história da humanidade e seus desafios para a atualidade e, por outro

lado discutem as marcas identitárias oriundas desses contextos de possibilidade de atuação que, cada vez mais, tem crescido ao longo dos anos.

Em março de 2015, voltei para a escola na qual sou lotada e fui trabalhar na coordenação pedagógica³ alimentando a doce ilusão de que com os conhecimentos adquiridos ao longo dos anos e principalmente com o que aprendi no curso de pedagogia poderia melhorar a qualidade do ensino ofertado, ajudar os professores a difundir as informações propagadas nas formações do PNAIC e novamente me frustrei ao deparar com a resistência da gestão e até mesmo de boa parte dos professores que não são verdadeiramente comprometidos com a educação.

Fique muito decepcionada ao constatar que aquelas pessoas estavam ali não por acreditar que a educação pode mudar a realidade de nossos alunos, mas puramente porque não tinham outro meio de obter ganho financeiro. Professores que iam para as formações somente para receber a bolsa de R\$ 200,00 e que faziam fotos de seus cantinhos da leitura, mas pouco ou quase nunca desenvolviam práticas voltadas à leitura.

Insisti na necessidade de mudar as práticas empregadas no fazer pedagógico, mas não obtive sucesso. Passei boa parte do ano fazendo o acompanhamento básico do trabalho pedagógico.

Pode parecer que durante esses 10 anos na docência pouco fiz pela educação ou por mim mesma, no entanto posso afirmar, com certeza, que fiz a diferença na vida de alguns alunos, de pais com quem puder compartilhar angústias e vitórias, como o caso dos gêmeos que foram meus alunos ano passado e um deles por ter o diagnóstico de paralisia cerebral hemiplégica tinha todo um histórico de frustração na aprendizagem e recentemente fui procurada por uma professora da escola em que eles estudam atualmente para pedir meu contato para outro docente que está estudando para o mestrado e o PC é o estudo de caso dele e que a mãe e os meninos

³ Um conjunto de publicações capitaneadas por Vera Placco (2013a, 2013b) destacam o papel do pedagogo a partir do lugar da coordenação pedagógica e nos instiga a pensar a variedade de questões a serem coordenadas por este profissional no contexto da escola que vai desde o encaminhamento de questões do cotidiano da escola, como atendimento dos pais, diálogo com aluno e professores em função de problemas gerados na sala de aula até questões relacionadas a formação destinada aos professores, sobretudo aquelas que versam sobre planejamento, currículo, avaliação, relação professor-aluno.

falaram muito bem a meu respeito e consideraram que só comigo o PC conseguiu aprender e se desenvolver.

Casos como esses, as demonstrações de afetos de antigos alunos, reconhecimento dos pais, o respeito que conquistei entre meus pares faz com que meu trabalho tenha sentido e que a vontade de crescer enquanto pessoa e como profissional me impulsiona a continuar buscando aprimorar meus conhecimentos e me faz acreditar, cada vez mais, que só a educação é capaz de mudar as pessoas e, por consequência, o mundo.

Nesse cenário, do Pnaic posso afirmar que, em termos de formação, representou para mim um avanço significativo na minha carreira docente. As formações eram ofertadas pela Universidade Federal do Pará e um certificado de 200h de formação continuada para o ensino de linguagem no ciclo de alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental expedido por essa instituição certamente tem sua importância.

Foi uma experiência muito profícua, não só pelos conhecimentos adquiridos, mas pelas pessoas com que tive a oportunidade de compartilhar saberes e experiências. Alguns se tornaram bons amigos.

A partir desse programa tive acesso a metodologias que podem favorecer o ensino da leitura e da escrita como organizar o plano de aula por meio da sequência didática que é um conjunto de atividades encadeado de passos e etapas ligadas entre si para tornar mais eficiente o processo de aprendizagem.

Há que se considerar que a expertise de um professor não restringe a um programa de formação, portanto devo destacar experiências metodológicas oriundas da relação com os meus pares, a exemplo de uma colega de trabalho que me inspira pela paixão que demonstra no exercício de sua profissão. Por diversas vezes tive a oportunidade de presenciar (e ajudar) ela desenvolvendo com seus alunos práticas concretas de alfabetização, fazendo salada de frutas após trabalhar em sala de aula o gênero textual receita.

Exemplos como esses me ajudam nas minhas próprias buscas que possibilitaram encontrar metodologias simples, mas que são eficazes como, por exemplo, usar tampinhas de garrafas pet para construir um jogo da memória para

ensinar sílabas complexas, o que permite exercitar a habilidade de leitura por meio do reconhecimento de palavras.

Sem dúvida todas as pessoas que fizeram parte de minha trajetória, sem exceção, ajudaram a me constituir enquanto educadora. Nóvoa (1995) e Tardif (2007) assim como Paulo Freire (2011) retratam as questões referentes a processualidade da profissão docente. No caso do primeiro autor destacando os ciclos interpenetrados por processos formativos e de exercício da profissão. Já no caso do segundo, os saberes que são construídos e ressignificados não só no processo formativo, mas também no exercício profissional e por fim a ideia de inconclusão salientada por Paulo Freire que nos ajuda a compreender que nunca estaremos prontos, mas, sim numa busca constante do vir a ser. Nesse sentido, o que fui e o que sou é reflexo de processos advindos de relações vivenciadas no contexto familiar, profissional e durante as formações. O que poderei vir a ser também será resultado desses encontros, pois como já destaquei antes, por vezes frustrante, mas também construtivo, solitário, mas também coletivo, de indignação, mas também impulsionador de outras buscas.

4.4 – A entrada e vivência na universidade no curso de Pedagogia e as perspectivas futuras

A experiência como orientadora do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) me proporcionou um profundo envolvimento com o mundo da leitura e da escrita, me encantei ainda mais pela docência e isso fez com que sentisse a necessidade de buscar meios para aperfeiçoar minha prática pedagógica.

Então fiz minha inscrição no Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica e após ser selecionada iniciei, em julho de 2014, minha vivência no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará.

Atualmente estou no último semestre e ao sentar-me para escrever a respeito de minhas vivências confesso que me custa organizar as ideias, pois foram muitas experiências: uma vasta gama de conhecimento, alegrias, tristezas, incertezas, esperanças renovadas.... Enfim, foram quatro anos de muito aprendizado.

Ao longo do curso pude conviver com diferentes tipos de pessoas e profissionais que considero terem sido importantes para o meu processo de formação, sejam por bons exemplos que certamente me inspiraram a seguir, seja pelos profissionais que demonstraram práticas que são inaceitáveis no meio educacional e não podem ser exercidas por quem pretende contribuir e, principalmente, fazer a diferença no processo de escolarização, educação e construção de um outro ser.

Ao cursar a disciplina História da Educação pude enxergar o modelo de docente que eu não quero ser. Fomos surpreendidos com o modo arrogante e intransigente de um professor que causou grande transtorno em nossa turma, chegando ao ponto de algumas pessoas admitir o desejo de desistir do curso por causa dele.

Ao presenciar a aflição no semblante de meus amigos por ter que enfrentar a arrogância e falta de compreensão daquele professor me fez ter certeza que não era aquele modelo que eu desejava incorporar em minha prática docente, me causou horror pensar que um de meus alunos pudesse desistir de estudar por minha causa.

Ao discorrer a respeito dos saberes necessários à prática educativa, Freire (2011) salienta que ensinar exige bem mais que palavras, é necessário ser exemplo, respeitar o educando e aquele professor me ensinou (mesmo não sendo sua intenção) a ser mais tolerante, atenciosa às necessidades de meus educandos.

Outro caso que merece ser explicitado nesta pesquisa se refere a forma de avaliação dos graduandos no ensino superior e deixa evidente que para preparar o professor para enfrentar os desafios de uma sala de aula é preciso fornecer bem mais conhecimentos técnicos.

Nesse sentido, Pimenta chama atenção para os saberes que precisam ser constitutivos da formação docente ao afirmar que:

O saber do professor se fundamenta na tríade saberes das áreas específicas, saberes pedagógicos e saberes da experiência. É na mobilização dessa tríade que os professores desenvolvem a capacidade de investigar a própria atividade e, a partir dela, constituírem e transformarem seus saberes-fazer docentes. (2005, p. 8).

Tais conhecimentos e habilidades faltou a uma certa professora que apesar de sua fala mansa, ao escolher o método de avaliação para apresentação de um

seminário acabou por causar uma situação desagradável que culminou com a ida de uma graduanda para a Unidade de Pronto Atendimento.

Na primeira atividade a professora logo mostrou a que veio, ela ensina muito bem, mostra que tem segurança no que fala, mas quando se trata de avaliação ainda lhe falta a compreensão de que avaliar é algo complexo e que não é suficiente saber conceitua-la, precisa vivenciar, requer atenção as especificidades dos alunos.

Logo que terminou a atividade ela foi avaliando pessoa por pessoa só que para a classe toda. Fez todas as suas “críticas construtivas” em alto e bom tom deixando-nos constrangidos. Na segunda atividade foi ainda pior, já estávamos apreensivos e incomodados com seu método e de repente revelou que apenas duas pessoas do grupo iriam apresentar o trabalho e que uma destas seria escolhida por ela. A revelação nos surpreendeu e causou muitos questionamentos por parte da turma, mas não a fez demover de seu intento. Após a primeira apresentação a professora fez logo a avaliação do grupo e novamente foi apontando os “erros” cometidos, dando dicas do que deveriam fazer na próxima apresentação (essas dicas considerei importantes, o problema foi a maneira como o fez) e isso foi provocando indagações, sentimento de revolta que se agravou quando percebemos que de cada apresentação dos grupos ela escolhia a pessoa que na primeira avaliação tinha recebido mais críticas, a que “menos sabia”.

Entre uma apresentação e outra nós a questionávamos, mas ela estava irredutível e isso foi causando medo, insegurança, raiva e até pressão alta, isso mesmo, pressão alta. Quando chegou a vez do grupo do qual eu fazia parte apesar da equipe me escolher e a pessoa escolhida pela professora passou mal, teve uma alteração na pressão e precisou ser levada até a Unidade de Pronto Atendimento para ser medicada.

Esse episódio me fez perceber que quando se trata de prática docente não é suficiente ter um curso superior, mestrado ou doutorado e que a avaliação precisa ser entendida numa concepção bem mais ampla que a atribuição de conceito, necessita de uma constante revisão do fazer pedagógico no sentido de ressignificar o processo de ensino aprendizagem e isso se aplica principalmente no primeiro ciclo do Ensino Fundamental.

Evidencia-se uma certa falha por parte das instituições de ensino superior no ato formativo dos docentes no que diz respeito ao ato de avaliar. A esse respeito Antunes afirma que a avaliação,

somente se processa na medida em que o educando é capaz de construir significados e atribuir sentido ao conteúdo da aprendizagem; aceitamos, dessa maneira, que todo aluno é sempre o agente central na forma como constrói conhecimentos. (2008, p. 15).

A avaliação enquanto ação construtiva não pode se limitar à verificação da aprendizagem dos conteúdos, precisa se ater a todos os aspectos importantes constitutivos da formação do aluno.

No que se refere aos entraves ao acesso e permanência no ensino superior, dos graduandos oriundos do PARFOR, a relação com professores não é o único fator que merece destaque. Por muitas vezes a comunicação com a coordenação foi difícil, percebo que há entre eles um jogo de poder que nos afetando diretamente. As Secretárias de Educação não fornecem o apoio necessário para que seus professores recebam a formação, haja vista que muitos colegas de turma iniciavam o semestre sem auxílio financeiro e outros estão terminando o curso de Pedagogia desempregados. Houve momentos em que não tinham dinheiro nem para comprar o material didático visto que a Universidade deixou de oferta-lo devido aos cortes no repasse de verbas.

Felizmente, nem só de experiências frustrantes se faz um Licenciado Pleno em Pedagogia. Ao longo desses quatro anos de estudos pude aprender e compartilhar saberes com pessoas maravilhosas, humanas, professores que compreendem que para a aprendizagem de fato acontecer se faz necessário considerar bem mais que o aspecto cognitivo. Esse processo envolve também respeito, compreensão e afetividade. A esse respeito Fernandez (1991), defende que a aprendizagem está condicionada as relações de afetividade e que ocorre a partir das interações sociais com o outro.

Tive bons professores, com os quais pude desenvolver uma relação de respeito e afetividade. Para exemplificar essas relações vou citar dois professores que considero suas práticas fundamentadas no respeito a autonomia e dignidade de seus educandos.

O primeiro exemplo se refere ao professor Sérgio Bandeira que em todas as vezes que veio ministrar aula em nossa classe sempre esteve aberto ao diálogo, nos

tratou com respeito, utilizou-se de metodologias que de fato contribuíram para o nosso desenvolvimento e enriqueceram nosso aprendizado. Ao ensinar sobre os Fundamentos Teóricos e Metodológicos para o ensino da História nos levou ao Complexo Feliz Lusitânia para que pudéssemos vivenciar de perto parte de nossa História.

Paulo Freire faz referência a esse tipo de professor ao afirmar que “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história” (2013, p.133). Sem dúvida que seus ensinamentos, tanto com palavras como pelo exemplo refletem agora em minha prática docente.

O segundo exemplo diz respeito ao professor Dario Azevedo com quem desenvolvemos uma relação de afetividade e respeito. Nosso encontro se deu em um momento em ele estava enfrentando problemas de saúde e no primeiro dia que veio ministrar aula sentiu-se mal e precisou se ausentar, ficamos na sala lendo o texto que ele havia solicitado. No dia seguinte ao chegar se desculpou pelo ocorrido e foi muito franco, nos esclareceu sobre sua situação e a partir daquele momento criamos com ele laços de afetividade que foi aumentando a medida que ele retornava a nossa turma uma vez que, na interação professor-aluno, há uma relação de pessoa para pessoa e, deste modo, estão sujeitos ao afeto (ALMEIDA, 1999).

Sua postura em sala de aula, a forma respeitosa com que nos tratou, a maneira apaixonante com que disserta a respeito dos conteúdos estudados, sua posição crítico-reflexiva acerca dos temas abordados me inspira a toma-lo como exemplo no dia a dia com meus educandos.

Posso afirmar que durante minha formação no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará muitos professores contribuíram para meu crescimento pessoal e profissional, mas ainda se faz necessário repensar a formação que está sendo oferecida aos graduandos a partir da análise das práticas docentes. Que tipo de professor estão entregando a sociedade para fomentar uma educação de qualidade, que forme para o exercício da cidadania num país tão desigual como o nosso?

É preciso investir no professor, tanto na formação inicial quanto na continuada, pois segundo Pimenta “cada vez se torna necessário seu trabalho enquanto mediação

dos processos constitutivos da cidadania do aluno para o que concorre a superação do fracasso e das desigualdades escolares” (2005, p. 15).

Há que se ter muito claro qual o perfil de docente que está sendo colocados a disposição da sociedade e, portanto, sendo encaminhados para sala de aula visto que

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca. Daí a importância do exemplo que o professor ofereça de sua lucidez e de seu engajamento na peleja em defesa de seus direitos, bem como na exigência das condições para o exercício de seus deveres (FREIRE, 2013, p.64).

Ao longo desses quatro anos foram muitas situações que exigiram resiliência. A convivência entre pessoas é um ato que exige muita paciência, discernimento, capacidade de reconhecer seus erros e desculpar-se por eles. Posso afirmar com toda certeza que os momentos que passei junto a turma de Pedagogia 8 foram os mais profícuos de toda minha formação pessoal e também profissional. Pessoas desconhecidas que se tornaram bons amigos, são para mim exemplos de superação e de união. As experiências que juntos vivenciamos se tornaram significativas para o meu crescimento enquanto pessoa humana, enquanto sujeito de direitos e deveres.

Essa experiência foi o marco para reconstrução de minha práxis docente, pois sou consciente de que preciso estar em constante processo de aperfeiçoamento da minha identidade profissional. Aprimorando minha prática sei que estou mais apta a contribuir com meus educandos no processo de alfabetização e aquisição da leitura e escrita.

Como um ser inacabado que precisa estar evoluindo tenho como perspectiva futura a pretensão de cursar o mestrado e posteriormente só Deus sabe o que posso alcançar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de minha carreira docente os resultados observados no processo de alfabetização sempre me inquietaram. É difícil para mim compreender como uma criança que muitas vezes inicia sua vida escolar ainda na educação infantil chega ao 3º ano do Ensino Fundamental sem saber ler e escrever.

Os dados da Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA), realizada em 2016, revelam que no Pará 76% dos alunos do 3º ano do Fundamental apresentaram insuficiência no aprendizado da leitura e escrita.

Por entender que a aprendizagem se dá, também, pela mediação do professor e que este, por sua vez, para desenvolver sua prática precisa de formação, capaz de auxiliá-lo na compreensão desse processo bem como das contradições que permeiam não só o exercício da profissão docente como também as condições existenciais dos alunos e seus familiares e do próprio professor. A presente pesquisa que se configura como um estudo autobiográfico, buscou por meio da narrativa de minha história de vida, verificar de que forma a alfabetização aparece na história de vida de uma professora do 1º ciclo do Ensino Fundamental no município de Santa Maria do Pará.

Ao concluir este trabalho não apresento certezas incontestáveis, mas pontos de reflexões no intuito de contribuir com a práxis docente. Na medida em que assumo minha própria trajetória de formação e de atuação profissional, tenho a possibilidade de pontuar questões referentes as forças externas que me impulsionam ou que limitaram minhas possibilidades, mas também me coloco em um processo de autoavaliação que, em grande medida, me possibilita rever o modo como me fiz e me faço docente, o que, sem dúvida contribui para o processo de ressignificação de mim mesma.

Reportando as minhas experiências considero que o processo de formação de um sujeito, seja nos anos iniciais ou já no ensino superior, sofre interferências externas, sejam no meio familiar, na escola, na igreja ou outros setores da sociedade. Por isso é importante considerar que a figura docente é um fator importante que merece destaque e ao longo do desenvolvimento desta pesquisa foi possível constatar que durante minha formação desde o Ensino Fundamental até o presente momento a atuação de meus professores foram fundamentais para a constituição de minha identidade profissional e também pessoal.

Deste modo as práticas metodológicas que envolve diretamente a ação docente e é parte importante do ato educativo devem ser pensadas no sentido de promover o processo de aprendizagem, seja no 1º ciclo do ensino fundamental ou em um curso do ensino superior.

Acredito que este trabalho de conclusão de curso mais do que apresentar resultados sinaliza a necessidade de repensar a formação docente, reavaliar o tipo de ensino que está sendo ofertado nas universidades no curso de Pedagogia.

REFERENCIAS

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005.

ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papirus, 1999. p. 50.

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. **Dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita**: método fônico para tratamento. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2011.

ANTUNES, Celso. **A avaliação da aprendizagem escolar**: fascículo 11—Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BRASIL. **Indicadores da qualidade na educação**: dimensão ensino e aprendizagem da leitura e da escrita/Ação Educativa. São Paulo: Ação Educativa, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Histórico do PNAIC**. Acesso em 02 de fevereiro de 2018. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/historico-pnaic>.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plataforma do Letramento**. Acesso em 03 de fevereiro de 2018. Disponível em: <http://www.plataformadoletramento.org.br/em-revista/266/pnaic-o-desafio-da-alfabetizacao-na-idade-certa.html>

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação 2011-2020**. Brasília, 2010.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Disponível em: <<http://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/default.shtm>>

BRASIL. Ministério da Educação. Avaliação nacional da alfabetização (ANA): documento básico. Brasília: INEP, 2013b. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/saeb/ana>>. Acesso em: 09 de fevereiro.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

CATANI, Denice Bárbara. As leituras da própria vida e a escrita de experiências de forma. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 14, n. 24, p. 31-40, jul./dez. 2005.

CODO, W. (Coord.). **Educação: carinho e trabalho**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

DUARTE, Alexandre William Barbosa. **Por que ser professor?** Uma análise da carreira docente na educação básica no Brasil. 2012. 169f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

FERNANDEZ, A. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FERREIRO, Emília. A escrita antes das letras. In: SINCLAIR, Hermine (org.) **A produção de notações na criança**. São Paulo: Cortez, 1990.

_____. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1999. 102p v.2.

FRANCO, Maria Laura P.B. **Análise de Conteúdo**. Brasília: Liber Livro, 2012.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 46ª ed. São Paulo: Cortez, 2005, 87 p.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**. São Paulo, v.35, n. 2, p 57-63,1995.

LEME, Luciana França. **Atratividade do magistério para o ensino básico: estudo com ingressantes de cursos superiores da Universidade de São Paulo**. 2012. 192 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática**. Goiânia: Editora Alternativa, 2005.

_____. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1998.

LÜCK, Heloísa. A descentralização do ensino, a democratização da escola e a construção da autonomia da gestão escolar. In: LÜCK, Heloísa. **Concepções e processos democráticos de gestão educacional**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____ **Dimensões de gestão escolar e suas competências.** Heloísa Lück.
– Curitiba: Editora Positivo, 2009.

MORICONI, Gabriela Miranda. **Os professores públicos são mal remunerados nas escolas brasileiras?** Uma análise da atratividade da carreira do magistério sob o aspecto da remuneração. 2008. 82 f. Dissertação (Mestrado em Administração Pública e Governo) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas. São Paulo, 2008.

NOBREGA, Maria J.; PRADO, Ricardo. **Prefácio.** In: MORAIS, Artur Gomes de. Sistema de escrita alfabética. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

NOVOA, A. **Vidas de Professores.** 2. ed., Porto Editora, Porto, 1995. (Coleção Ciências da Educação).

_____ O Regresso dos professores. In: **Conferência Desenvolvimento Profissional de professores para a qualidade e para a equidade da aprendizagem ao longo da vida**, 27-28 set. 2007, Lisboa. Comunicações... Lisboa: Ministério da Educação, 2007.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão democrática da escola pública.** 3. ed. São Paulo: Ática, 2004.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. PIMENTA, Selma Garrido. (Org). **Saberes pedagógicos e atividade docente.** São Paulo: Cortez Editora, 2005, p. 15 a 34.

PLACCO, Vera Maria N. de S. O. **Coordenador Pedagógico e o Espaço de Mudança.** São Paulo: Loyola, 2003a.

PLACCO, Vera M. N. S., ALMEIDA, L. R. (Org.). **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola.** 3. ed. São Paulo: Loyola, 2003b.

REIS, Pedro Rocha dos. As narrativas na formação de professores e na investigação em educação. **Nuances: estudos sobre Educação.** Presidente Prudente, SP, ano XIV, v. 15, n. 16, p. 17-34, jan./dez. 2008

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação** v. 14 n. 40 jan./abr. 2009.

SEVERINO, A. **Metodologia do trabalho científico.** 23 ed. Ver e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, Elaine Eliane Peres de. **A formação no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC).** Acesso em Acesso em 03 de fevereiro de 2018. Disponível em: http://xanpedsul.faed.udesc.br/arg_pdf/95-0.pdf

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. 328p.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução a pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Ática, 1987.